

FOLHA DE S.PAULO

Editoriais

editoriais@uol.com.br

A doutrina Francisco

Papa retira a ênfase dos dogmas e acena com uma diretriz de tolerância e de inclusão; falta o plano para coibir abusos de hierarcas

Na longa entrevista publicada quinta-feira pelo periódico da ordem dos jesuítas, alusiva ao primeiro semestre de seu reinado, o papa Francisco deu novos passos na definição das mudanças que pretende implantar.

Francisco vem chamando a atenção pelo despojamento pessoal que adotou, como se instasse a Igreja Católica a se desfazer do que lhe resta da antiga opulência.

Mais importante, talvez, seja a disposição, agora explícita, de amenizar a ênfase em dogmas restritivos na esfera da sexualidade.

Na declaração mais notória, disse que a igreja não deve ser "obcecada" com a condenação do aborto, da contracepção e do casamento gay --o que representa discreta ruptura com a orientação dos antecessores João Paulo 2º e Bento 16.

Personalidade enérgica e midiática, o papa polonês revitalizou a igreja. Emerso da resistência ao comunismo, desbaratou a Teologia da Libertação, vertente católica de esquerda, e alavancou movimentos conservadores como a Opus Dei e a Renovação Carismática.

Tal impulso de restauração se exacerbou sob Bento 16, que fazia questão de ressaltar a desarmonia de costumes entre a tradição e o mundo contemporâneo, sugerindo uma igreja de menos e melhores fiéis.

Em termos profanos, era o equivalente a desistir de disputar o mercado das crenças. Em termos religiosos, equivalia a abrir mão da pretensão universal --católica, como diz o nome-- da igreja.

Francisco não parece inclinado a revogar doutrinas. A Igreja Católica procura cultivar dogmas perenes, mas sua interpretação reflete o espírito de cada século, sendo a flexibilidade o segredo mesmo de sua subsistência milenar.

O papa argentino prefere abordá-los de forma tolerante. Sua tônica recai sobre o combate à pobreza, agora já expurgada do alarido revolucionário da Teologia da Libertação e genérica o bastante para não despertar controvérsia.

Nas simpáticas referências à própria condição de pecador, ele restitui à igreja uma complacência que também pertence à tradição, como se bastasse um vago desejo de se arrepende para estar habilitado ao rebanho.

Assim, como estratégia externa, a política de Francisco ganha corpo --mais

interessada em somar que em dividir, mais voltada a um cristianismo prosaico do que doutrinário.

Menos visível é seu combate ao outro problema da igreja, a indisciplina corporativa que propiciou uma enxurrada de escândalos financeiros e sexuais. Espera-se que seu plano de reforma interna, a ser anunciado no mês que vem, esclareça esse ponto crucial.

Endereço da página:

<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/130402-a-doutrina-francisco.shtml>

Links no texto:

editoriais@uol.com.br

<mailto:editoriais@uol.com.br>

Copyright Folha de S. Paulo. Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução do conteúdo desta página em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso, sem autorização escrita da Folha de S. Paulo.